

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel, havendo liberdade de fallar, escrever e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Domingo 30 de Junho de 1861.

N. 16

ACAJÁ.

ALVARES D'AZEVEDO

e sua influencia sobre a litteratura brasileira contemporanea.

A litteratura de todas as nações, tem suas epochas de mais ou menos brillantismo, mas que sempre se mostram bem distinctas entre si. Nessas epochas, ou melhor, phases da litteratura das nações, ha sempre um vulto dominante cuja influencia se faz sentir mais pronunciadamente, sobre o genero e gosto da litteratura do seo tempo. E' assim que vemos em França, a epocha de Balzac, a dos dois Racine, Corneille, Molière, Victor Hugo, Dumas, Scribe etc.; em Inglaterra a de Shakspeare e de Milton; a de Byron e de Walter Scott; e em Portugal a de Camões, a de Fyilinto Elysis, Bocage, José Agostinho de Macedo e mais recentemente a dos Castilhos, Herculanos, Garretts, etc.

Em todas essas epochas vemos ser o espirito dominante o do vulto principal desse tempo, e sua influencia se estender por todos os espiritos que o cercão, como a luz de um facho illumina tudo quanto o rodêa.

Essa influencia é real e manifesta, o que prova mais uma vez, o poder de um espirito privilegiado, sobre aquelles que estão em communhão de opiniões e de sentimentos com elle, e mesmo ás vezes, sobre aquelles com que não tem o menor contacto.

E' esse um facto que pode ter os mais serios resultados, conforme é essa influencia dirigida para o bem ou para o mal, como no-lo provão as funestas consequencias do scepticismo cruel e mordaz de Byron, e de Alfredo de Musset, ou as utopias exageradas dos *Salteadores* de Schiller e do *Faust* de Goethe.

Então, os resultados são incalculaveis, e ninguém pode negar os terriveis effectos de ideias erroneas e mesmo condemnaveis que um escriptor lança ao publico, embelezando-as com o fogo que lhe arde no cerebro. E' de uma tendencia produzida pela demasiada leitura das obras do auctor da *Parasina* e de *Jacques Rolla* que nos vamos occupar.

Alvares d'Azevedo, aquella cabeça enorme, aquelle ente inspirado e em que ardia o fogo sagrado em toda a sua pureza, é uma das victimas do mal que acima apontamos. Dotado de uma intelligencia tão vasta quanto bem cultivada, engolphou-se por demais na leitura do *Child-Harold* e d'ahi tirou esse fel amargo da descrença, esse desprezo da vida que se descobre a cada passo em suas producções. Apaixonando-se pelo que lia, e crendo na verdade das utopias que lhe apresentávão, tomou a ficção pela realidade e encarou o mundo atravez de um prisma negro que lhe sombreara o aspecto de tudo o que outros veem còr de rosa.

No verdor dos annos, quando a alma se ostenta mais viçosa e cheia de crenças, Alvares d'Azevedo duvidou, e envolveu-se no manto do scepticismo frio e desanimador que inspirou ao cantor de *D. Juan* seos mais bellos cantos. D'ahi essa còr de duvida que predomina em seos es-

e lptos, d'ahi esse riso de escarneo com que as vezes profliga aquillo que todos até então respeitáram, e d'ahi ainda, essa tendencia que se nota nos poetas brasileiros que se lhe seguirão, para o imitar e para o exceder se possivel fosse.

A mocidade, é, em geral, credula e sempre disposta a abraçar e applaudir aquillo que é novo para ella e que poderão muitas vezes ellas comprehender, e por isso tão frequentemente tem ella sido induzida ao erro por esse seu desejo de acoller aquillo que ainda não conhece. Foi o que aconteceu á nossa mocidade. Antes da appareição de Alvares d'Azevedo, poucos mancebos havia que conhecião Byron e os que tinham lido suas obras, não tinham sentido emoção alguma do que tinham lido. Appareceu Alvares d'Azevedo, e como outr'ora corrião os Israelitas a ouvir Moysés, assim correo a juventude brasileira a ouvir o novo propheta da poesia. A primeira impressão foi a de um vago susto; porém veio logo o entusiasmo louco e irreflectido substituir o movimento instinctivo da alma que como boa mãe, queria guardar suas crenças puras como as recebera. Essa hesitação, porém, foi de curta duração; e enebriada pela harmonia que respirão os versos do autor das *ideias intimas*, uma pleiade de talentosos jovens, cheios de vida e crenças, se arremessou na senda que Azevedo abriera, e arvorarão a duvida como o seu pendão! E' triste, e desolador o ver a mocidade com taes idéias, porque se em alguns espiritos ellas não tomão raizes, callão profundamente em outras intelligencias quiçá mais fortes, e Deus sabe quaes são os resultados! E' por isso que não podemos deixar de lastimar, como o fazemos, que uma intelligencia tão bella como a de Alvares d'Azevedo que com tanta felicidade quanta grandeza, se erguia ao sublime e bello na arte, se deixasse ás vezes arrastar e descahir até tocar o lodo impuro do chão dos bordeios! A missão do poeta, e muito principalmente nos paizes novos como o nosso, é um verdadeiro sacerdocio, uma especie de tunica de Nesso que muitas vezes chega a suffocar aquelle que a traz, porque o poeta frequentemente se vê contrariado em suas aspirações e exposto mesmo ás chufas da plebe. Não o deve porém isso desanimar, antes deve procurar vencer os obstaculos que se lhe

antapõem e com sua voz profligar o vicio e dar á virtude o lugar que lhe compete. Não deve o poeta esquecer os dogmas que a religião nos ensina, e por consequencia nunca deve procurar livrar-se da existencia a que chama um fardo, mas que a religião nos diz ser um beneficio do Creador; porque dóe realmente no fundo da alma, o ouvir um mancebo na flor da idade exclamar como Byron:

« Tis vain to struggle; let me perish young!
Continuaremos.

Elogiar qualquer producção logo que ella tenha o cunho do merito, não é offender; e sim, render justo culto aquelles de seus auteres que a isso tiverem jus; portanto, chamamos a attenção dos nossos leitores para a excellente poesia sob o titulo—*Ambas*—que o Illm. Sr. Dr. *Teixeira de Mello*, teve a delicadeza de enviar-nos.

De culpe-nos o distincto poeta se lhe offendemos a susceptibilidade, fazendo menção em nosso artigo de redacção, de sua primorosa poesia.

Se assim praticamos, é porque, como acima dizemos, deve-se render verdadeiro culto ao merito e ao genio.

Exultamos mais uma vez em poder-mos annunciar, que um novo guerreiro se apresenta no campo das letras.

E' o—*Tupy*—jornal redigido por uma pleiade de jovens esperançosos, estudantes do Mosteiro de S. Bento.

PAGINAS PERDIDAS

(esbocetos)

I.

JULIA.

§

Era n'um baile.....

A lua doirava meigamente as areias do mar, e a briza fresca da noite bafejava todas essas frentes esquentadas pelo espumar dos vinhos, e pelos corropios da dança.

Tudo era prazer e vida.

Em cada um dos convivas, a alegria se espraia-va sobre o semblante, e a embriaguez da volup- tuosidade, já adormecia algumas palpebras, onde se lião o gozo e o materialismo.

As damas prodigalisavão sorrisos a seos cava- lheiros, e estes com palavras mentidas, agrade- cião-nas da mesma maneira.

As mulheres movião-se nos braços de seos cavalheiros, com a rapidez do corropio, e de suas faces coradas pelo cansaço, cahião gottas de suor.

Um silencio de morte reinava na rua deserta. Uma pallidez tetrica se estendia por sobre este bairro, recolhido agora ao leito do descanço nocturno.

Voltemos ao baile.

Uma sombra de mulher passa de vagarinho pelo meio da multidão, e se encamiuha para o jardim.

Seo talho é bello, e seo porte regular tornão-a um typo vulgar.

Vejamos porém seo rosto.

E' bello; de seos labios um doce sor. iso mei- gamente se deslisa.

Seo vestido cor de rosa é simples, mas cheio de graça e encanto.

Seos olhos, scintillão de prazer, e seo peito ainda virgem, arfa, ao experimentar gozos des- conhecidos.

Chegada é ella ao jardim, e quando de sua voz parte uma nota de aviso um mancebo appa- rece e cabe a seos pés ebrio de amor....

— Julia, é hoje o dia de nossa felicidade, e pois aproveitemol-o, sem lançar-mos no pó do despreso um segundo que seja.

Sim meu anjo, o teo amor é para mim, uma existencia de gozo e de flores.

Tu serás a imagem, ante a qual, me pros- trarei, e entoarei um cantico, de amor e de fé, de creença e de esperanza. Vem, e amemo-nos.

— Mas, Arthur, e minha mãe? Minha mãe que me criou em seo seio, e que me amamentou com o leite de seo peito; minha mãe que desde o berço ensinou-me o caminho da virtude, e que sorria quando me sorria, e chorava quando via cabirem as lagrimas de meos cilios?

Oh! como a poderei deixar, á ella que me deo a vida e que todos os dias pede por mim, em suas santas orações!?

— Ah! Julia, tu não me amas! E é assim que pagas os sacrificios de meo amor?

E' assim que me dás uma prova de que me amas, e que no dia de nossa felicidade abandonas a pureza dos sentimentos de meo coração?

Ah! tu não me amas, e pois deixa-me partir para nunca mais voltar, embora meo coração verta lagrimas de dor pela tua ausencia!

— Tu dizes que ta não amo, Arthur, quando és o quadro de meus doces sonhos da mocidade!

Queres mais uma prova de meo amor? Telo- has agora, embora a saudade de minha mãe e o remorso de meo crime estalem todas as fibras da minha alma.

(Continúa.)



MEU PASSADO E MEU PRESENTE.

Que me resta meo Deus?! aos meos suspiros
Nem gemo a viração,

E dentro—no deserto de meo peito
Não dorme o coração.

(ALVARES DE AZEVEDO.)

Como o cadaver gelido e macilento, a que os vermes lentamente consomem as carnes, assim eu vejo instante por instante, correrem velozes os meos dias, para o sombrio repouso dos finados!

Ja tive risos um dia! Ja á sombra da infancia dormi tranquillo e semno de innocente, sem que mão impiedosa me viesse despertar.

E quem não terá tido risos no desbrochar da existencia?

Quem, no descuidoso brincar dos primeiros annos, não terá sentido pulular no peito, muito prazer, muita vida?

Oh! quem me dera a volta de meos passados annos!...

Quem me dera os meos queridos penates, e os meos folguedos de criança, e os meos campos matizados de variegadas flores, e os meos bos- ques espessos, que gemião, que choravão, que sorrião, quando o aquilão, vendaval ou briza os agitava!

Quem me dera, meo Deus, por entre os so- nhos do presente, as lindas flores do passado, desfolhadas em nossas faces pelos santos beijos de uma mãe terna!

Oh! seria o reviver de um moribundo, seria dar á muniã o espirito que perdeu!

.....
E o passado não volta!
Se não reverdecem as flores, que o sol as queimou!...

Oh! quão acerba é esta realidade!

.....
Hontem... sorrisos e flores
Hoje... o que resta? A recordação amarga de muita ventura passada!

Que fazer?
Contempiar silencioso o tumulto das flores que viverão e que já liverão aroma.

Curtir no peito muita dor, muita agonia.
E soffrer o marasmo e o tedio de um viver material e estúpido!

Oh! quem me dera pelas esperanças do fu- turo, as alegrias do passado!

SILVIO RANGEL.

SE EU A VISSE...

(Pálha Solta).

Se eu a visse !... quem me dera vel-a !
Seo rosto meigo, contemplar quem dera !
Se eu a visse !... me arrojara as plantas
D'essa madona que em meo peito impera !

(SILVIO RANGEL.)

‡

Se melancólico volto meos olhos em torno de mim, nada encontro: debalde procuro estreitar-te em meos braços, porém nada vejo além de uma branda nuvem que encobre a angelica visão do anjo de meos amores !

Sinto a terna falla de uma magica voz: applico os ouvidos: nada ouço, senão o triste echo do alaudo quebrando-se ao longe. E' ella !

E' ella que me vem perturbar meo continuo rismar abrasado na chamma ardente de um puro amor !

Mas se eu a visse !... se pudesse contemplar seus negros olhos travessos, seo rosto pallido, e de uma candidez divina... se os labios carminhos para mim a se servir ou offerecer-me um ní !...

Oh ! quanto não dava eu !
Quão feliz eu fora !

‡

Ai tão longe de ti, não sinto a aragem
Das frias noutes, das manhãs cheirosas

P. CALASANS.—Últimas paginas.

Ah ! tão longe de ti, e de ti não se separão meos pensamentos !

E' duro o peso com que a saudade opprime n'um viver de illusões e de poesia, onde toda hora nos apresenta a sombra de uma fada que vem despertar-nos da embriagante melancolia em que nos achamos immersos.

Longe de possuir um doce sorriso teu, unioo fatal que offerece esperanças ao pobre trovador, seismo.

E como e bello esse se sentir! Ver o fantasma approximar-se para aplacar as saudades que devorão a imaginação ardente do poeta !

Longe de ti, o viver é triste... é qual mimosa florinha a que abrija da vida e o sol emmarcheço. Mas um só teu olhar e um teu sorriso, fazião quebrar a melancolia que me envolve.

‡

Adeus, visões do céu com que eu sonhára
Adeus filhas do céu, que espero ainda,

DR. TEIXEIRA DE MELLO.—Sombras e sonhos.

Adeus, oh ! branca flor das primaveras, rainha dos verdes jarlins, que vens minha alma intris-tecer, depois de um riso fantastico !

Adeus oh ! branca visão de meos sonhos, que com tua voz de anjo fazes estremecer todo o meo ser depois de ouvir-te... de ver-te... de contemplar teos negros olhinhos peregrinos, n'um céu de felicidade !

Adeus, recorda-te de mim oh ! virgem pallida, nos teos sonhos ainda que tão longe ! Guarda-me no teu seio onde guardas as virtudes !

‡

Quem me dera abraçar-te na embriaguez de um sonho !

E esse sonho tornar-se-ha realidade ?
Talvez !...

Rio, 19 de Junho 1861.

JUVITA DUARTE SILVA.

POESIAS.

Quero deixar guardada, como flor que emmarcheço, mas que me recorda um mundo inteiro de saudades sem nome, quero deixar aqui, no cofre das minhas mais gratas recordações, a surpresa agradável e (dillo-hei uma vez que o tenho no pensamento) regeneradora — como as águas de um Jordão de vida e de esperança, que experimentei esta tarde ao ver a encantadora J., a flor das virgens da minha terra.

Em duas immensas alas de devotos pelo estrada em fóra em romaria, e eu passava com elles, quando surgiu, d'entre a poeira do caminho e o verde doentio dos espinheiros, aquella apparção ! Como Calypso se avantajava ás nymphas suas companheiras em altura, graças e varonil magestade, *alla* vencida em belleza, altura e magestade — a meos olhos — sua graciosa companheira.

Em duas estátuas do mesmo primoroso mármore, nascidas da mesma inspiração do esculptor que os cinzelara. Parecia que o enpriecho do divino estatuario quiz deixar suspensos na escolha, o gosto e a admiração do *amador*... São duas gottas d'água chrystalina, gêmeas em

tudo, mas reverberando cada uma um differente raio do sol: J., a altiva J., o primeiro albor do crepusculo da manhã; M., a graciosa moreninha, o primeiro desmaio do sol na hora saudosissima do crepusculo da tarde na nossa terra.

Eu amava a primeira com esse amor concentrado e mudo da virilidade, que a etiqueta conserva em respeitoso silencio. Mas naquella hora, á luz vacillante dos cyrios, através da rara folhagem das sebes empoeiradas do caminho, ao cantico monotonico dos que pediam a um céu de bronze uma gotta de chuva para as searas que se enfezavam ao queimar da canicula, senti que o coração me murmurava baixinho aos ouvidos do intimo sentimento: «*Levanta-te e caminha!*»

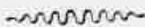
A primeira vista não as conheci! tanto a realidade, que só então tinha ensejo de ver á luz do dia e de tão perto, levava de vencida o que me haviam pintado e o que a minha imaginação ideára! Na volta foi que lhes dirigi a indifferente saudação que a sociedade impõe.

D'essa noite em diante meo somno deixou de ser, como até então, vazio e tranquillo. A imagem da severa e fascinadora visão vinha assentar-se á minha cabeceira...

*

Este pobre e ulcerado coração, que depúz em teos ultares, J., com um voto á felicidade, é bem comparavel a um d'sses lagos azues da nossa terra agitado pela tempestade nocturna.

Um dia inteiro depois da tormenta o pescador experimentado tem ainda medo de lhe extender as suas redes: as ondas violentamente acordadas do seo somno habitual, levam mais de um dia a voltar á sua antiga tranquillidade.



AMBAS.

Dous anjos d'azas candidas, nascidos
Ao sopro do senhor em mundo extranho,
Unidos peito a peito aos pés do Eterno.

MENDES LEAL, Junior.

Pallidas ambas, ambas desgrenha-las
Como um salgueiro
Que a sombra estende á barca somnolenta
Do marinheiro.
Não sei qual d'ellas o roupão da infancia
Despió primeiro.

Estatuas gemeas, tão irmans no riso
No olhar, em tudo!
Estrellas vivas, mas d'um brilho triste,
Sereno e mudo.

Da mesma argilla as moldou Canova;
E Prometheu
Do mesmo raio as animou de novo
Fogo do céu.

Aos mesmos cantos embalou-as juntas
A mesma aragem;
N'um berço só, ao mesmo sól, dormirão
Toda a viagem.

O riso d'uma ia nos labios d'outra
Ab ir-se em flor;
Ao mesmo Deos, a mesma prece erguião
De igual amor.

Estatuas gemeas — tão irmans no gesto,
Na voz, em tudo!
Estrellas d'ouro illuminando um tumulo
Deserto e mudo.

Se as longas tranças uma d'ellas rindo
Calir deixava,
Os olhos d'outra erão o espelho a que ella
Se penteava.

Ambas tão alvas como a flor do cacto
Que a noite abriça,
De ambas a face a mesma dor sem nome
De coloriza.

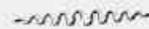
Um dia a ambas sorprehendi dormindo
(Lembra-me agora!);
Erão assim, no mesmo ninho, a Noite
Aos pés da Aurora

Vi-as um dia junto a mim passarem
A voz do Eterno:
Fugião ambas, andorinhas gemeas,
Do mesmo inverno.

Ambas deixavão n'um montão de cinzas
As mesmas brasas:
Tinhão, sentindo o mesmo sol queimal-aa
Batido as azas...

T. DE MELLO.

Rio — abril 6 de 1858.



SOFFRIMENTO E MORTE.

Meu Deus! eu soffro, hem atroz tormento,
Pesa-me a vida só morrer dasejo,
Cruel angustia perpassou me a alma,
Negro futuro no horizonte eu vejo.

Oh ! como é triste no verdor dos annos
Mentidas creanças expellir da mente;
E ver rojando pelo chão dispersas
As verdes folhas d'illusão nascente !

Cedro gigante, vai transpondo os annos
Vai affrontando os furacões do norte;
Do raio irado desafia as fúrias,
Fúrias baldadas porque o cédro é forte.

Negra torrente, que açoitando a rocha,
Corre espumando lá da serra ao fundo;
Gemidos solta no furor do embate,
Quaes échos vindos do inferno ao mundo.

No centro escuro de cerrado bosque,
No outro horrendo de medonha grei,
Ruge arrogante eriçando a juba
Esse que chamão, da floresta o rei.

Cede o madeiro do machado ao gume,
Cala a torrente no açude presa;
E o rei das selvas vai seguindo o homem,
Pois junto a elle já não tem ferêza.

E o homem, forte, que isto tudo vence,
Vencer não pôde a immutavel sorte !
Valente luta, mas alfim vencido
Se vai do mundo bendizendo a morte.

J. SERGIO D'OLIVEIRA.

CLAUDINA.

Original Brasileiro.

(Continuação)

Passados alguns momentos de silencio, Pedro, tomando uma das mãos de sua amada, disse : Claudina, agora me retiro, necessito de descanso, Domingo ás 6 horas da tarde aqui me acharei para ouvir tua historia, para me jurares amor, ou me arrancares a vida.

— Adeos, Pedro, até Domingo talvez tenhas mudado de pensar.

— Jámais o mudarei.

— Veremos. Disse firmemente Claudina apertando a mão de Pedro, que apaixonado beijou a sua.

Dous minutos depois, Pedro descia a escada, mergulhado em profunda tristeza.

Os dias que se seguiram, foram para Claudina de vivos soffrimentos; horas inteiras passava recastada no seo divan, coordenando as ideias, e só pensando, que só um amor vivo poderia fazer com que ella revelasse a um homem sua vida.

Ella amava a Pedro, e por amal-o não o queria lançar no abysmo onde cabem os inexperientes que se fiam nas illusões de um amor vehemente.

Claudina conhecia os homens por experiencia, e portanto amando a Pedro, não queria tornar-se autora de algum mal. Por isso, desejava ouvi-o depois da narração de sua vida, porque então de bom grado se entregaria a elle se persistisse em amal-a.

Claudina contava vinte flores na sua corda de existencia, porém flores marchas e desbotadas pelo bafo peçonhento da prostituição.

Ella, porém, ainda era bella e louca, seus olhos eram seductores, seu ar nobre, suas maneiras polidas e mesmo era um tanto espirituosa.

Porém, continuemos. No dia marcado por Pedro, Claudina o esperava, distraindo-se em ler a obra prima do abade Prevost.

A sala estava illuminada, um piano que ficava em frente á porta, aberto ; e sobre a meza uma pequena caixa de ebano, guardada de prata.

Acabava de soar na torre de S. Francisco de Paula a sexta badalada, que annunciava as Aves Marias, quando mansamente Pedro entrou na sala.

Claudina, fingindo não fazer reparo, não levantou os olhos do livro, e Pedro aproveitando-se da distração foi pé ante pé, e debruçando-se nas costas do divan, fervorosamente depositou um beijo na face de Claudina.

— Ah !... Exclamou ella.

— Não me esperavas, querido anjo ?

Não prometteste vir ? Assenta-te sobre este tapete, debruça tua fronte em meo collo e ouve a minha historia. Deixemo-nos de banalidades, o tempo urge, o fim desta visita foi a historia de minha vida, portanto ouve-me.

Pedro, assentado sobre o tapete que ficava aos pés do divan, e com a cabeça no collo de Claudina, enlaçava com uma mão a sua delicada cintura e com a outra apertava a de sua amante, que de quando em quando elle osculava, e distraído ouvia começar as paginas da vida de sua amante.

II.

Yet doth he live !

Byron. Lara. Cant. I.

— Pedro, a minha vida escripta e lida, serviria de exemplo á muitas victimas da seducção, do opprobrio e da infamia. Essas paginas ardentes, bafejadas pelo ar nojento das impurezas serviriam para mostrar ao mundo e aos homens, como se devem educar as filhas. Eu fui uma das victimas dos carinhos paternaes.

Filha de pais nobres, tive uma boa instrução, desde a minha mais tenra infancia vivi rodeada de riquezas, de luxo e de um carinho descomedido.

Minha mãe tudo me perdoava, meo pai, para não desgostar sua mulher, fazia o que ella queria.

Fui crescendo; meo genio foi ficando arrebatado, meos desejos imperiosos, e tudo quanto eu desejava, queria que fosse satisfeita. Achava meos pais impertinentes, meos irmãos aborrecidos, só os bailes, os theatros erão para mim a verdadeira felicidade.

Estava com quinze annos, quando, uma tarde da minha janella vi passar um lindo moço montado em um soberbo cavallo.

Elle era claro, tinha uma barba loura, e um porte nobre: amei-o á primeira vista. Oito dias depois, elle me amava; tal tinha sido a arte por mim empregada para seduzil-o. Neste tempo eu era vaidosa; tinha convicção de que realmente era bella, e por isso não podia ver-me desprezada, sem fazer com que aquelle que me desprezasse me desse uma satisfação formal; tal era o meo caracter! Como disse, passados oito dias nós nos amavamos e correspondiamos.

Meo pai soube do nosso amor, e não approvou a minha escolha. Não attendendo ás suas razões, segui os conselhos que me dava meo amante.

Cinco dias depois de uma disputa a esse respeito, deixei a casa paterna para seguir pelo braço de um amante, a estrada das mulheres perdidas e da libertinagem.

Foi o meo primeiro passo na região dos vícios.

Soube depois que minha mãe, arrependida dos capinhos que me prodigalisara, tinha-me amaldiçoando!

Fui habitar com meo amante, uma casa retirada da corte, onde os meos primeiros dias correrão no meio de flores. As flores dos primeiros mezes murcharão e alguns espinhos começarão a brotar na haste onde mais tarde havia de nascer uma camelia, para substituir o lyrio formoso de minha infancia.

Quatro mezes depois de haver deixado o meo lar, fui abandonada pelo perfido, pelo libertino que roubando a minha honra, me havia deixado a ignominia e o desprezo estampados na fronte. Alguns joias, algum ouro, servio para levar ainda seis mezes uma vida honesta; porém quando as joias se acabarão e que o ouro evaporou-se, vi-me obrigada ou a frugalmente viver trabalhando, ou trilhar o caminho das perdas. Eu era bella, não me faltariam adoradores, e de mais, acostumada á ociosidade não poderia me habituar ao trabalho.

Costumava passar pela minha porta todos os dias o commendador R.... que já me havia por

algumas vezes dirigido graciosos cumprimentos. Entretive relações com elle. Possuia guarda roupas cheios de vestidos, joias de valor, chapéus de todas as qualidades, etc. mas em compensação tinha de aturar o velho mais zeloso que tenho conhecido.

No seo carro eu percorria alegremente toda a cidade; apparecia nos theatros, nas festas publicas, enfim em toda a parte onde podia apresentar minha belleza e minha riqueza; tanto era eu vaidosa!

Nove mezes depois, dores agudas me amunciarão ser eu mãe. Com effeito uma bella criança tive, que alguns dias depois morreo.

(Continúa.)

DOIS BASTARDOS DA SORTE.

NARRAÇÃO.

(Continuação.)

Era dest'arte que estas duas pobres crianças destruíão, sem o saber, e cada uma de seo lado, aquillo por que mais suspiravão suas almas: sua união! Mas, tornemos ao que iamoz dizendo. Ace'to o pedido do Dr. Castro, e fixado o dia das nupcias, tiverão estas lugar d'ahi a quatro mezes, e o pobre Julião, que ao receber a fatal noticia, julgára morrer, desejou absolutamente assistir ao casamento d'aquella que fôra e ainda era, a sua mais cara affeição neste mundo, e que provavelmente seria a ultima!

Conseguiu o que desejava, e no dia marcado para a cerimonia, elle se apresentou no lugar em que se ia celebrar o sacrificio dessa outra Iphigenia, que ia ser immolada á sua propria fraqueza.

Impossivel seria pintar os sentimentos descontraídos e idéas extravagantes que passavão pelo cerebro escandecido de nosso heroe, durante o tempo que durou a cerimonia. Ora seus olhos se fitavão, parados e sem expressão, na chamma da tocha que segurava, ora lampejavão com fogo sombrio e lugubre, como se um pensamento infernal lhe atravessasse a mente. A's vezes, cobria-se-lhe a fronte de uma vermelhidão febril, ao passo que grossas gotas de suor frio lhe cahião pelas faces abaixo. Logo depois uma pallidez livida dava-lhe ás feições uma apparencia cadaverica que ainda augmentava a rigidez quasi hirta de seu corpo, e só os olhos lhe brillhavão com scintillar sinistro! Quando por acaso levantava a fronte e olhava para o altar, a expressão mudava-se-lhe, e como que uma dor calma e resignada, substitua por um momento, o pungente soffrimento que lhe contrahia ha pouco as ultimas fibras da alma. Parecia que se lhe elevava o espirito para as regiões celestes e

que ahí, nessa morada de eterna paz, elle ia achar aquillo que desde aquelle momento não existia mais para elle na terra ! Então, lagrimas silenciosas, pranto sem soluços e sem voz, o mais terrivel e mais doloroso de todos os prantos, porque é a expressão de uma dor intima e profunda, lhe corria dos ciliós e lhe inundava as faces quasi sem que elle o sentisse !

E ella ? ! E Carolina ? !

Oh ! essa, pallida como uma imagem de cêra, ou uma virgem de marfim amarellecido pelo tempo, prostrava-se perante os altares, pedindo a Deos que lhe desse coragem bastante para levar ao cabo, o sacrificio que por sua livre vontade, a si mesma impuzera ! Quando o sacerdote lhe fez pôr a mão na d'aquelle a quem ia pertencer até á morte, d'aquelle de quem nada, a não ser o tumulo, a poderia separar, quasi lhe faltarão as forças e esteve prestes a desmaiar. Falleceu-lhe o animo, turvou-se-lhe a cabeça, e sentiu a vista como que envolvida em um crepe funereo ; mas esse mal estar foi momentaneo e fazendo appello a todo o seo valor, conseguiu subjugar o abalo que experimentara e mostrar-se exteriormente calma, no meio da agitação interior que dentro em si, sentia.

Contudo, quando o sacerdote lhe perguntou se recebia o Dr. Castro como seo legitimo esposo, por mais esforços que empregasse para tornar sua voz firme, ella respondeu, pallida como um cadaver, um sim fraco e quasi imperceptivel, mas que foi assim mesmo ouvido por Julião, pois seo visinho, joveu medico seo amigo, apenas teve tempo de lhe deitar a mão brandando :

— Acudão !

O infeliz não podera mais soffrer ; o vaso cheio até as bordas, só esperava uma gota para transbordar ; essa gota cabio e elle sentiu ao ouvir a resposta de Carolina, um como atordoamento na cabeça, um zunido nos ouvidos e depois mais nada : o desgraçado mancebo desmaiara !

Passemos sem transição do momento em que deixamos Julião desmaiado na occasião em que Carolina declarava que recebia o Dr. Castro como seu legitimo esposo, até ao em que vamos ter com elle na Europa. São passados perto de 4 annos.

Qual foi a vida de Julião durante todo esse tempo ? E' o que vamos dizer nas linhas que se-guem.

Depois de celebrado o casamento de Carolina, e de ver quebradas todas as illusões que ainda lhe alentavão no coração um resto de esperança, Julião, a bem dizer não viveo, porque não concebemos que se possa chamar vida ao arrastar

de uma existencia a que tirarão toda a esperança, todo o incentivo, todo o encanto, e que vio despedaçar se o ultimo laço que ainda a retinha ao mundo. Não sei que escriptor o disse, mas lembra-me ter lido algures que a vida sem esperança, é peor que a morte sem a immortalidade, e assim é. Nós todos temos desejos de que esperamos obter a realização : se nos tirarem essa esperança, o que nos restará ? Bem sei que ha muita gente que desejando ardentemente uma cousa qualquer, logo que a conseguem desprezão de prompto aquillo mesmo que com tanto affan procuráráo obter. Mas é tambem certo que a difficuldade excita o desejo de possuir, e por isso, a idéa de não ser correspondido por Carolina, tornára ainda mais vehemente, se é possível, o amor profundo que Julião lhe voára, e como o naufrago, elle se agarrára á esperança de que Carolina ainda um dia se deixaria tocar por seos extremos e deixaria cahir de seos labios, tremulos de emoção, estas palavras, capazes de pagar o sacrificio de um santo — *Eu te amo !*

Mas ah ! esse momento não chegou ; a sorte decidira o contrario e o malfadado moço, vira fugir-lhe o derradeiro apoio que ainda o sustentava.

Quiz assistir ao desfolhar de suas ultimas esperanças, por requinte de sentimentalismo, esboar, por assim dizer, a morte de suas mais doces illusões.

Quando vio consummado o acto que lhe vedava para sempre talvez a posse do ente a que mais amava neste mundo, sentio faltar-lhe as forças e perdeu os sentidos. Quando tornou a si, estava louco !

Um anno viveo elle assim ; nesse estado em que o homem deixa de o ser, para se aproximar do bruto. De longe em longe vinha-lhe um intervallo lucido, e n'um desses momentos, revelou elle a seo pai, o desejo que tinha de ir dar um passeio á Europa para ver, dizia elle, se lá encontrava o coração que um monstro disforme lhe arrebatára. Era essa a sua mania, e nunca, até esse momento, tinha elle sustentado, durante a sua lucidez, um só dos desejos que formulava em quanto lhe durava o accesso.

Depois de ter repetido muitas vezes o mesmo pedido e por conselho dos medicos, resolveo seo pai, satisfazer-lhe o desejo, e d'ahí a alguns dias, partia elle n'um paquete á vela por ainda não haver os vapores transatlanticos.

(Continúa.)

As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.ª rua do Cano n. 165.